

A edição de maio de 2020 ocorre no meio de uma pandemia mundial: uma epidemia de grande magnitude, nunca antes vivenciada por nossa geração. Isto se deve à intensa circulação entre os cidadãos de todos os países, tão comum em nossa realidade até então, que fez com que essa infecção se espalhasse rapidamente e atingisse, quase simultaneamente, todos os países. A partir desse fato, com as restrições impostas para conter uma catástrofe mundial de saúde pública, cada indivíduo, em sua perspectiva, foi convidado a rever valores e ações que configuravam o cotidiano. Estes pilares de estabilidade do nosso dia a dia, como a liberdade de circulação, as possibilidades de contato interpessoal, as configurações familiares, a definição de trabalho, os avanços técnicos da medicina promovendo maior controle sobre as doenças, foram remodelados pela pandemia. Para promover uma discussão desse fato histórico que se tornou parte do nosso presente, optamos por criar, nessa edição, uma seção excepcional, a “Opinião dos Especialistas”. Dando início à seção, convidamos o Prof. Dr. Jean Naudin para relatar, em primeira pessoa, sua experiência na França. Com a continuidade do debate, os relatos, em primeira pessoa, de fenomenólogos, irão ampliar o olhar para as múltiplas nuances de perspectivas que esse momento crítico promove.

Concomitante com a pandemia, até como um exercício de manutenção do mundo, esta edição mantém o intuito primeiro da *Revista Psicopatologia Fenomenológica Contemporânea* de promover publicações de qualidade tanto de novas pesquisas quanto de reflexões a partir dos textos clássicos. Nesse sentido, temos a importante publicação da tradução da língua inglesa para o português do *Exame das Anomalias Subjetivas da Experiência* (EASE). A procura da fenomenologia, como base epistemológica para a compreensão psicopatológica e como instrumento que fornece uma possibilidade de investigação clínica de qualidade, está em crescimento nas pesquisas em ciências humanas e em saúde mental. O EASE foi desenvolvido tomando como base autodescrições de pacientes com distúrbios do espectro esquizofrênico e avalia anomalias subjetivas ou experienciais que podem ser consideradas como distúrbios da autoconsciência (*self-awareness*) básica ou “mínima”. Ter instrumentos de pesquisas consagrados, como o EASE, que usam a fenomenologia como base é um enorme passo para a pesquisa de qualidade e a possibilidade de produção de conhecimento. Agora, após essa tradução, pesquisadores brasileiros (e de outras nacionalidades que têm português como língua nativa) também terão essa possibilidade.

No que diz respeito às inovações na pesquisa de base fenomenológica, temos o artigo que propõe uma análise original sobre o desenvolvimento da interpessoalidade nos

dois primeiros anos de vida. A autora propõe uma análise estrutural que permite compreender a realidade da perspectiva do infante determinada por uma forma de estrutura imatura e, logo, de configuração díspar quando comparada com a do adulto. Reconhecer essas diferenças promove um olhar mais acurado na possibilidade empática de se aproximar da realidade da criança, além de fornecer uma ferramenta que aguça a acurácia no reconhecimento dos desvios psicopatológicos nessa etapa da vida.

Neste momento de repensar as tecnologias como uma forma de comunicação, o artigo sobre a dependência virtual e suas implicações nas estruturas básicas da consciência como a temporalidade, a espacialidade, a corporeidade e a interpessoalidade é uma importante contribuição para a reflexão. O artigo discorre sobre o impacto da compulsão assim como a cristalização dos componentes de fluxo da existência e promove uma perspectiva de observação psicopatológica inédita.

Por fim e não menos importante, como uma marca do pensamento fenomenológico de reconhecer e recorrer aos pensadores inaugurais e utilizá-los como fonte para a análise da realidade no presente, temos uma crítica ao modelo dualista cartesiano a partir do pensamento de dois autores clássicos: Merleau-Ponty e Ludwig Binswanger. Como coloca o próprio autor: “o resgate histórico, mais do que mera historiografia, visa a uma perspectiva crítica atemporal”.

Daniela Ceron-Litvoc e

Flávio Guimarães-Fernandes

Editores-Chefes